

# Contracampo

BRAZILIAN JOURNAL OF COMMUNICATION | PPGCOM-UFF

VOLUME 37. NÚMERO 3. 2018. E-ISSN 2238-2577. DEZ/2018-MAR/2019



Editorial vol. 37 n. 3

## **Dossiê Movimentos do tempo: política, cultura e mídia**

Nesta edição da revista *Contracampo: Brazilian Journal of Communication*, o dossiê *Movimentos do tempo: política, cultura e mídia* traz a reflexão sobre a coexistência de distintas temporalidades nos processos midiáticos. Com o objetivo de acolher e ampliar a discussão sobre os movimentos epistêmicos, políticos e culturais do tempo e seus desdobramentos nos processos comunicacionais e suas historicidades, o dossiê problematiza o novo regime de temporalidade caracterizado por uma espécie de hiperpresente que se amplia tanto na direção do passado como na do futuro. Assim, sob a perspectiva de que nossas experiências temporais são complexas, o desafio do pesquisador da comunicação que investiga o tempo se orienta para o entendimento de suas especificidades históricas e de suas múltiplas e simultâneas realidades. É nesse sentido que grupos de pesquisa interinstitucionais – como o Historicidade dos Processos Comunicacionais, formado por pesquisadores da UFRJ, Fiocruz, UFF, UFMG, UFBA e da UFPI – promovem pesquisas conjuntas, publicações e eventos que problematizem, debatam e divulguem questões sobre as articulações entre história e as dinâmicas comunicacionais e midiáticas, bem como entre estas articulações e as diversas experiências temporais de indivíduos, grupos e mesmo instituições.

Em consonância com este esforço, abrimos o dossiê com uma reflexão sobre a postura do historiador da mídia e sua metodologia: no artigo *O que nos diz a máquina de escrever? Notas sobre a escrita de um Brasil moderno*, Bruno Guimarães Martins (UFMG) e Rachel Bertol (UFF) apontam como a observação minuciosa da máquina de escrever desvenda imbricações que, para além da análise isolada da escrita, mostram suas relações com outras experiências e outros aparelhos, como os que registram sons e imagens. O trabalho parte da originalidade dos conceitos e métodos sugeridos por Friedrich Kittler para analisar as complexas redes discursivas que se cristalizam na máquina de escrever durante

o processo de modernização do Brasil, na virada do século XIX para o XX. A partir de casos empíricos brasileiros (material epistolar, artigos de jornal, anúncios), os autores tomam a máquina de escrever como ferramenta e tecnologia para a exploração de dilemas próprios da história das mídias no Brasil. Uma história que nos ajuda a compreender a cultura e os meios de comunicação nacionais a partir da curiosa relação entre algo que se é capaz de imaginar, mas não de realizar.

Este diálogo de fôlego com a história da mídia elaborada por Kittler amplia as perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa da historicidade dos processos comunicacionais e convida a refletir sobre determinados apagamentos engendrados pelo consenso historiográfico. Isto porque a perspectiva da modernização do jornalismo brasileiro e a concepção historicamente linear da imprensa nacional instauram um consenso que, obliterando a tradição literária, invisibiliza os cadernos diários de cultura na história dos jornais impressos. Esta é a problemática apontada no artigo *O lado B do Jornalismo: como os cadernos culturais entram na história*, de Phellipy Pereira Jácome (UFMG) e Itala Maduell Vieira (PUC-Rio). Trabalhando a noção de estratos do tempo de Koselleck e as considerações de Octavio Paz sobre rupturas na modernidade, os pesquisadores analisam o sentido dessas ausências e esquecimentos em registros historiográficos sobre o Jornal do Brasil e seu pioneiro e longo caderno de cultura, o Caderno B (1960-2010), buscando apontar para uma rede textual e contextual mais ampla.

O apagamento também é uma das questões trazidas pelo terceiro trabalho do dossiê. Em *Entre memória forjada e lugar de memória: Feira de São Cristóvão e tradição*, a dupla Carlos Alberto Carvalho e Maria Gislene Carvalho Fonseca, da UFMG, adota a flanação como método de observação e análise sobre as dinâmicas de constituição e manipulação da memória. Na reflexão dos pesquisadores sobre a Feira de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro, o caráter estanque da tradição transforma um espaço cultural em ambientação de memórias forjadas sobre um nordeste temporalmente limitado. Articulando o conceito histórico de "lugar de memória" fundamentado por Pierre Nora ao pensamento ricoueriano, o artigo questiona as narrativas que são tecidas no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, apontando a encenação de uma temporalidade na qual o embate entre passado e presente é um desafio à compreensão do contemporâneo.

Nesse sentido, é importante atentar para o fato de que a ruptura entre modernidade e tradição fez emergir processos de resgate do passado que complexificam as dinâmicas da memória. Uma das mais curiosas é a que se instaura a partir da nostalgia, um tipo particular de prática mnemônica. Para além da concepção romântica do passado e da fuga simplista do presente, a nostalgia

também pode ser tensão sobre o futuro. É justamente o tensionamento nos modos de viver a nostalgia o foco do trabalho *Em busca do tempo: memória, nostalgia e utopia em Westworld*, de Bruno Souza Leal (UFMG) e Ana Paula Goulart Ribeiro (UFRJ). O artigo analisa a configuração contemporânea da nostalgia em um gênero que, tradicionalmente, projeta futuros em vez de passados: a ficção científica. Na trama do objeto analisado, a série *Westworld*, a memória como elemento humanizador e conscientizador de robôs é também elemento de ruptura com o *status quo*; é um esforço vital para que identidades, pessoas, acontecimentos e espaços adquiram vitalidade e renovação.

No lastro dessa vitalidade, o dossiê *Movimentos do tempo: política, cultura e mídia* traz o trabalho em que Jorge Cardoso Filho (UFRB), Rafael José Azevedo (UFMG), Thiago Emanuel Ferreira dos Santos (UFBA) e Edinaldo Araujo Mota Junior (UFBA) mostram como os fluxos audiovisuais e culturais são vetores de configurações políticas, estéticas e sociais da experiência. No trabalho *Pablo Vittar, Gloria Groove e suas performances: fluxos audiovisuais e temporalidades na cultura pop*, os autores tomam o YouTube como plataforma que posiciona corpos em processos de subjetivação. Assim, os videoclipes das cantoras são o ponto de partida para a articulação entre as noções de performance e de dispositivo na investigação sobre identidades de gênero, gêneros midiáticos e fluxos audiovisuais e espaço-temporais em disputa.

Dialogando com a abordagem da subjetivação que atravessa a temporalidade da experiência, Elton Antunes (UFMG), Juliana Freire Gutmann (UFBA) e Jussara Peixoto Maia (UFRB) tratam de como a performance do corpo constitui figuras do tempo. No trabalho *No tempo do Zoio: matrizes midiáticas, temporalidades e YouTube*, os autores se apropriam das noções de mediações e mutações culturais, de Jesus Martín-Barbero, para investigar temporalidades, fluxos e matrizes midiáticas desta forma audiovisual caracterizada pelo trânsito da autodifusão e pela poética do registro amador. Nela, o consumo do corpo autoflagelado se articula a uma performance que constitui variadas figuras do tempo e aciona matrizes midiáticas.

No sentido oposto da temporalidade que não é o da excepcionalidade e sim o da banalidade que produz efeito de autenticidade, o artigo de Igor Sacramento e Izamara Bastos Machado, da Fiocruz, e de Michele Negrini, da UFPEL, *A Morte de Dona Marisa Letícia: o biográfico e os trabalhos da memória no Jornal Nacional*, chama a atenção para a carga de violência simbólica despendida em procedimentos de enquadramento realizados pela grande mídia. Como o foco são as narrativas biográficas a partir da morte de personalidades públicas, o artigo analisa os

trabalhos de enquadramento da memória coletiva na cobertura da agonia e morte de Dona Marisa Letícia Lula da Silva em edições do Jornal Nacional (JN). Ao escrever a história do país através da morte de Dona Marisa Letícia num contexto marcado pela crise política e pelo impeachment de Dilma Rousseff, a narrativa biográfica produzida pelo Jornal Nacional dá a ver como a mídia escreve uma história e como ela se inscreve na história. Nesse processo, a memória do JN sobre Dona Marisa Letícia é também autorreferente, uma vez que parte de estratégias de autolegitimação – fundamentais em períodos de transformações como as que passa o jornalismo no século XXI.

Para Ana Regina Rego (UFPI), que assina o oitavo artigo desta edição, essas transformações são tributárias do desmantelamento da marcação do tempo nas narrativas. Sob a hipótese de que o tempo primevo do jornalismo não é mais o presente, o artigo *Articulação temporal e essência narrativa: o jornalismo para além do tempo presente* analisa o noticiamento do impeachment da presidenta Dilma Rousseff e a primeira semana após este acontecimento, no jornal O Globo, na tentativa de compreender por que o futuro se institui como o tempo do jornalismo. Visto e utilizado não mais como promessa e sim como realização, o futuro é responsabilizado pela transformação do presente. E o desejo de futuro que se manifesta no jornalismo subverte a ordem do tempo em sua narrativa tradicional, sobrepondo o presente e se lançando ao passado na procura por um novo futuro. Nesse sentido, a amnésia coletiva se manifesta na velocidade das narrativas prefiguradas a partir de expectativas e não de fatos. Forjado na modernidade e tendo como pilares a construção da verdade a partir do tempo da narrativa, o jornalismo apresenta mudanças que implicam novas relações temporais.

Radicalizando esta perspectiva, o objeto de análise do artigo de Itania Maria Mota Gomes e Nuno Manna, da UFBA, se mostra bastante rico para a investigação sobre as disputas políticas e culturais no tratamento de valores e convenções do jornalismo, do tempo e da realidade. A partir de quadros conceituais e metodológicos de Raymond Williams e Jesús Martín-Barbero, *Outros tempos possíveis: disputas de valores e convenções do jornalismo em Tempos Fantásticos* analisa como a experimentação em torno do “jornalismo fictício” incorre em disputas sobre o imperativo ético que legitima o jornalismo como instituição social. Como a relação do jornalismo com o tempo histórico e a experiência social mediada por ele são marcadas pela narratividade do tempo presente, *Tempos Fantásticos* é um objeto dinâmico e concreto em que continuidades e rupturas se explicitam. A experiência radical das alteridades temporais e das realidades fantásticas

promovida por Tempos Fantásticos evidencia as anacronias das mediações jornalísticas, apontando processos de mudança cultural e social. Assim, nas experimentações realizadas pelo jornal, uma complexa trama de temporalidades se realiza e uma disputa política e cultural se efetiva.

Entre a originalidade do pensamento do filósofo alemão Friedrich Kittler e a ousadia de Tempos Fantásticos como objeto de reflexão, o dossiê *Movimentos do tempo: política, cultura e mídia* espera promover uma leitura que acolha as complexidades de nossas experiências temporais em suas instigantes articulações com as historicidades dos processos comunicacionais. Evidentemente, este objetivo não tem a pretensão de ser totalizante. Mas espera proporcionar um percurso de leitura que, como os *movimentos do tempo*, seja marcado pela sedução das sinuosidades.

Além do dossiê, a presente edição da Revista Contracampo traz ainda uma entrevista com o filósofo francês Gilles Lipovetsky, realizada por Mirella Migliari, Lucia Santa Cruz, Sandra Sanches (ESPM-RJ), e dois artigos na seção de temas livres: *Folha de S. Paulo e os 50 anos do Golpe de 1964: guerras de memórias no especial multimídia*, de autoria de Allysson Viana Martins (UNIR), e *Show tributo como catarse coletiva: a presentificação dos atentados*, escrito por Ana Paula da Rosa (Unisinos).

Boa leitura.

Patrícia D'Abreu (UFRJ) e Paulo Bernardo Ferreira Vaz (UFMG)  
Editores convidados

## EQUIPE EDITORIAL

### **Editoras-chefes**

Beatriz Polivanov (UFF)

Thaiane Oliveira (UFF)

Angela Prysthon (UFPE)

### **Editores convidados**

Patrícia D'Abreu (UFRJ)

Paulo Bernardo Ferreira Vaz (UFMG)

### **Editores-executivos**

Luana Inocência (coordenadora)

Daniela Mazur

Érica Ribeiro

Gabriel Ferreirinho

Lumárya Souza

Rafael Ribeiro

Seane Melo

### **Revisão**

Jonas Pilz (coordenador)

Ana Luiza Figueiredo

Erly Guedes

Manuela Arruda Galindo

Verônica Lima

**Tradução / Versão**

Patrícia Matos (coordenadora)

Deborah Santos

Jessika Medeiros

Leonam Dalla Vecchia

**Projeto gráfico / Diagramação**

Wanderley Anchieta (coordenador)

Érica Ribeiro (capa)

**Equipe de comunicação**

Pollyane Belo (coordenadora)

Paola Sartori

**Planejamento estratégico**

Melina Meimaridis (coordenadora)

Angélica Fonsêca

Beatriz Medeiros

Camilla Quesada Tavares

Daniela Mazur

Ícaro Joathan

Ledson Chagas

Lumárya Souza

Rosana Berjaga